

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO V, Nº213 JANEIRO - PORTO VELHO, 2007  
Volume XVIII Janeiro/Abril

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**213**



**A Virtude do Perdão Segundo Sujeitos de**

**6, 9 e 12 anos**

**A Virtude do Perdão**

**Vanessa Aparecida Alves de Lima**



## **A Virtude do Perdão Segundo Sujeitos de 6, 9 e 12 anos**

### **A Virtude do Perdão**

Vanessa Aparecida Alves de Lima - Psicóloga formada na Universidade Federal de Rondônia, Especialista em Metodologia do Ensino, Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP; Doutoranda em Psicologia pela USP; Atua como docente nas disciplinas de Psicologia Aplicada na Faculdade São Lucas em Porto Velho, Rondônia.

#### Resumo

Este trabalho é resultado das minhas preocupações como educadora com o relacionamento professor aluno. Procura na pesquisa do cruzamento de duas virtudes, o perdão e a generosidade, conhecer a opinião das crianças de 6, 9 e 12 anos, em escolas públicas e particulares da cidade de Porto Velho (RO), na busca de melhor entender as crianças e suas relações para otimizar o trabalho escolar. Os resultados são promissores para a educação e, nos alertam, para a necessidade de valorizar aspectos como a amizade, as perdas materiais e seus significados para as crianças.

Palavras-chave: educação, virtude, generosidade, perdão, amizade.

#### Abstract

This work is a result of my preoccupation - as an educator - about the connection between teachers and students. It looks for ( in the two virtues' lay: the forgiveness and the generosity) knowing the opinion of 6,9,12 years old children, from private and public schools of Porto Velho city ( RO ), the objective is understand the kids in their relations as a way to improve the school work. The results are promising to the education, and put us on guard for the importance in increasing the value of aspects like the friendship, the material's losses and their meaning for the kids.

Key – words: education, virtue, generosity, forgiveness, friendship.

#### 1. Introdução

Depois de 12 anos de docência foi nas discussões sobre a moralidade que percebi ter encontrado uma abordagem satisfatória de análise dos problemas vividos dentro da escola (e/ou faculdade), que, de certa forma, estão presentes no mundo ou são reflexos dele, mas, primeiramente vamos compreender o que é a moral.

A moral são normas e regras sociais de cada grupo. Não há sociedade ou socialização sem moralidade. A moral pode estar explícita ou implícita. Em geral, parte da moralidade de um grupo social está explícita e parte implícita nos valores e atitudes de seus indivíduos. Mas a moralidade também inclui a participação de

um indivíduo que faz escolhas baseado em suas necessidades pessoais, crenças, impulsos e desejos. Esta é a clarificação sobre a moralidade que nos trás Puig (1998), sem separar esta concepção individualista da moralidade, de sua socialização “Elucidar um problema moral, pensar sobre como se deseja viver, é também algo que necessariamente está imerso em uma situação social, pois nada escapa de suas origens e de sua realidade sociocultural” (p. 27)

Assim. a moralidade de um grupo social transparece seus valores. Valores são as crenças dos indivíduos, o que se considera de maior ou menor importância; a classificação do relevante e do irrelevante nas relações interpessoais e com os objetos.

“O homem é antes de tudo, um ser de vontade, um ser que se pronuncia sobre a realidade. Por uma posição de não-indiferença em relação ao mundo que o rodeia, o homem cria valores (...) ao homem não importa apenas deixar-se viver como é próprio do mundo da natureza (Ortega y Gasset, 1963 apud Paro, 2001/33-34)

É neste sentido que tenho buscado referenciais na teoria do desenvolvimento moral para refletir sobre a moralidade e os valores do grupo que se constituem em torno do processo educacional institucionalizado: a escola.

O estudo sobre o tema inicia-se com a teoria de Jean Piaget, que a partir do livro O Juízo Moral na Criança (1932/1994) nos esclarece a existência de “duas morais”. Uma delas, a da heteronomia, é o resultado da coação adulta. O indivíduo tem sua moral como que colada à consciência, repete frases e assertivas de seus pais e outras pessoas mais velhas, mas sem ter verdadeira clareza das regras e, a que se prestam.

O sujeito passa desta moral heterônoma, a partir de uma convivência social, mas de forma interdependente do desenvolvimento cognitivo, a uma moral autônoma, que é aquela da absoluta consciência das regras e da importância de discuti-las e vive-las para o bem estar social.

“As regras, na proporção do desenvolvimento da vida social infantil, não permanecem idênticas a si próprias, (...) para os pequenos, a regra é uma realidade sagrada por ser tradicional; para os maiores, depende do acordo mútuo. Heteronomia e autonomia, tais são os dois pólos dessa evolução”. (Piaget, 1932/1994 p. 87).

Depois de Jean Piaget visitei a obra de seu seguidor Lawrence Kohlberg, Psicologia Del Desarrollo Moral (1994). Sua conceituação de moralidade, que vai da obediência às regras por medo da punição, passando pela consciência das regras em conformidade social. A última fase é a da universalização dos princípios éticos, onde o sujeito aceita e define valores auto-escolhidos, isto através de três níveis do desenvolvimento moral, subdivididos em seis estágios.

Contudo, foi a obra de Carol Gilligan que me aproximou da percepção de uma “ética das virtudes”. No livro Uma Voz Diferente (1982) a autora destaca uma “ética do cuidado” que se apresenta na voz das mulheres e dos homens pesquisados.

A partir de Gilligan dois caminhos se abrem para a busca da influência dos sentimentos, das emoções, na moralidade, principalmente nas ações morais na busca da compreensão dos comportamentos virtuosos na moralidade.

É neste caminho que se chega à “ética das virtudes” e seus referenciais nas obras de Aristóteles (1996) em *Ética a Nicômano*, e de Comte-Sponville (1998) em *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Estes autores explicitam a definição das virtudes e nos ajudam a explicar como as virtudes são valores que interferem nas relações interpessoais.

Comte-Sponville em sua obra aborda 18 virtudes e esclarece que na presença do amor todas as outras virtudes seriam desnecessárias, mas, em nossa limitação, somos impossibilitados de amar a todos, por isto as virtudes se tornam necessárias para nosso convívio. As condições do amar alguém colocariam à parte todas as outras virtudes, pois o que é feito por amor é feito por este sentimento que temos pelo outro.

“como a maioria das virtudes, obedece a seu modo ao mandamento evangélico. Amar ao próximo como a si mesmo? Se pudéssemos, para que (virtudes)? Portanto, não se trata de amar, mas de agir como se amássemos (...) daí essas atitudes, às vezes, mesmo aproximadas, mesmo fracas, que são a homenagem que prestamos ao amor, quando ele está ausente” (Comte-Sponville, 1998/108-109).

É por isto que precisamos das virtudes, para agir virtuosamente, como se amássemos.

Marques (2001) nos trás uma excelente definição das virtudes em Aristóteles: “As virtudes têm, (...) a função de moderarem as paixões interiores e as atividades exteriores. (...) A pessoa virtuosa é feliz porque a alcança pela harmonia e evita as perturbações do espírito. O virtuoso não tem nada a temer porque não subsiste nele a inclinação para o mal”. (p. 39-40)

Comecei então a refletir sobre a prática de algumas virtudes, e foi assim pensando que cheguei à conclusão conceitual de um pensamento que me toma desde o início da atividade profissional de docência, que é o fato de considerar a virtude da generosidade um fator essencial para que se seja um bom professor.

Há “algo” na relação professor aluno que transcende à remuneração desta atividade profissional, e mesmo ao retorno afetivo que tem o professor em sua carreira e que muitas vezes o motiva a trabalhar. Um bom professor é também “bons ouvidos”, um “tempinho” no final da aula, uma “paradinha” no corredor quando já estávamos de saída, telefonemas quando estamos ocupados ou fazendo uma leitura, entre outras, já que a generosidade é dar algo que lhe faltará, como o tempo de descanso, o lazer, a pressa, a atenção.

Generosidade não é solidariedade. Solidariedade é partilhar aquilo que não lhe fará falta: a roupa usada ou que não se apreciou; o trocadinho na rua, “Que a solidariedade possa motivá-la não há dúvida. Mas ela só é verdadeiramente generosa desde que vá além do interesse, ainda que bem compreendido, ainda que partilhado” (Comte-Sponville, 1998/101) E mais, num ato generoso a felicidade do outro não pode estar em nenhuma medida condicionado à sua1.

E foi em torno deste tema que estive refletindo com, na época, meu orientador de mestrado, o Professor Livre Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Yves de la Taille sobre, em que medida, a virtude do perdão está relacionada com a virtude da generosidade2.

---

<sup>1</sup> Minha dissertação de mestrado teve como tema: A Generosidade segundo Sujeitos de 6, 9 e 12 anos. E seus resultados podem ser encontrados em:

Então, quando se perdoa alguma coisa a alguém não estamos em certa medida sendo generosos? Não há no perdão algo da generosidade por estarmos abrindo mão, por exemplo, do orgulho próprio? Ou de uma perda material? Se generosidade é darmos algo que nos faltará, no perdão não estamos perdendo “algo” em troca de?

Seria mais fácil então, sermos virtuosos e perdoarmos “quando há uma perda material ou uma perda sentimental? É mais difícil perdoar quando há uma vergonha pública?”

## 2. Metodologia

Para isto, desenvolvemos pesquisa com 120 alunos, divididos em duas escolas públicas e uma escola particular da cidade de Porto Velho – Rondônia.

Os alunos foram escolhidos nas turmas aleatoriamente e constituiu-se uma divisão apenas pelas faixas etárias de 06, 09 e 12 anos. Assim, a amostra teve 20 crianças em cada faixa etária para o grupo da escola pública e o mesmo número para o grupo da escola particular.

Aplicamos nas crianças os dilemas a seguir:

### Dilema 1

Perdão após Perda Material x Perdão após Perda Sentimental

(Seria mais fácil obter perdão quando envolvemos uma perda material ou uma perda sentimental?)

Tiago escondeu a bicicleta de Jurandir para lhe fazer uma brincadeira. Jurandir passou todo o dia procurando sua bicicleta, e só quando já estava muito triste foi que Tiago lhe contou a brincadeira, mas ao percebê-lo tão chateado, lhe pediu desculpas.

2) Tiago escondeu a bicicleta de Jurandir para lhe fazer uma brincadeira, mas a mãe de Jurandir quis saber onde estava a bicicleta e ele não sabia dizer. A mãe lhe deu uma bronca e o colocou de castigo. Quando Tiago soube do incidente pediu desculpas a Jurandir

No primeiro caso Jurandir deveria perdoar Tiago?

Por quê?

No segundo caso Jurandir deveria perdoar Tiago? Por quê?

Por que Tiago pediu desculpas a Jurandir?

---

<sup>2</sup> Durante o mestrado desenvolvi pesquisa na área do desenvolvimento moral com o tema “A Generosidade segundo Sujeitos de 6, 9 e 12 anos”, e o resultado deste trabalho pode ser encontrado em: RIBEIRO, Ronilda; NENEVÉ, Miguel e PROENÇA, Marilene (Orgs.). Psicologia e Saúde na Amazônia: Pesquisa e Realidade Brasileira. SP, Casa do Psicólogo, 2003.

## Dilema 2

### Perdão x Vergonha

(Seria mais difícil uma criança perdoar quando ocorre uma vergonha pública?)

Algumas crianças estavam brincando de bola. André foi quem trouxe a bola. Ninguém sabe dizer por que, mas Júlio e André começaram a discutir. Júlio gritou com André e furou sua bola. Mais tarde Júlio pediu desculpas a André?

a) André deveria desculpá-lo?

Sim/Não. Por quê?

Por que Júlio teria pedido desculpas a André?

O que pensaram os amigos sobre a situação?

As hipóteses construídas para as situações colocadas foram as seguintes:

é mais fácil o perdão na perda sentimental do que na material;

é mais difícil perdoar quando ocorre uma vergonha pública;

### 3. Resultados e Discussão

Considero que obtive confirmação para as hipóteses formuladas. Vamos ver os resultados apresentados abaixo.

Sobre o Dilema 1, no primeiro caso, onde Jurandir fica chateado, Jurandir deveria desculpar Tiago, segundo nossos entrevistados em:

	Escola Pública			Escola Particular		
Faixa Etária	06	09	12	06	09	12
(%)	70	75	90	100	95	100

Ainda sobre o Dilema 1, no segundo caso, onde Jurandir recebe uma bronca de sua mãe, Jurandir deveria desculpar Tiago, segundo nossos entrevistados em:

	Escola Pública			Escola Particular		
Faixa Etária	06	09	12	06	09	12
(%)	65	70	80	80	65	80

Assim, é notório que para todas as faixas etárias é mais fácil perdoar quando há uma perda sentimental e, as justificativas para tal fato são semelhantes para as crianças da escola pública e da escola particular, também não se diferenciam significativamente entre as faixas etárias estudadas.

Respostas para justificar porque Jurandir deveria desculpar Tiago	
Escola Pública	Escola Particular
06 ANOS	06 ANOS
1. Elas(e) são amigas(o)	1. Foi apenas uma brincadeira/ Foi uma brincadeira/ Era só uma "brincadeirinha"
2. Foi uma brincadeira de mal gosto	2. Não era roubo, era brincadeira/ Ele sabia que

	a bicicleta não tinha sido roubada
3. Para não ficarem de mal	3. Eles são amigos/ Eles são colegas/ Eles que são amigos e se gostam/ Amigos não brigam por pouca coisa
4. Para não brigarem	4. Ele só escondeu
5. Não é bom brigar	5. Foi uma brincadeira de mal gosto
09 ANOS	09 ANOS
1. Só foi uma brincadeira	1. Eles eram amigos/ Ele era colega
2. Eles(a) são amigos(a)	2. Eles eram amigos/ Ele era colega
3. Foi uma brincadeira de mal gosto	3. Não foi de mal, foi brincadeira
12 ANOS	12 ANOS
1. Eles(a) são amigos(a)	1. Era só uma brincadeira/ Foi apenas uma brincadeira/ Ele só queria brincar
2. Não podemos ficar de mal (para sempre) com os(a) amigos(a)	2. Ele se arrependeu/ Se tocou que estava errado
	3. Não foi intencional (o mal)/ Ele viu que não foi de propósito
	4. Ele mostraria que é um bom amigo
	5. Ele não sabia da reação do amigo

Quanto à segunda hipótese, que foi investigada no Dilema 2, vejamos primeiro os resultados.

André deveria desculpar Júlio, segundo nossos entrevistados em:

	Escola Pública			Escola Particular		
Faixa Etária	06	09	12	06	09	12
(%)	50	45	60	70	70	95

Como os resultados positivos, para o fato de que André deveria desculpar Júlio (Dilema 2), são menores dos que apontam para que Jurandir devesse desculpar Tiago – em ambas as situações, de perda sentimental e material (Dilema 1), podemos afirmar que a hipótese se confirma, é mais difícil haver perdão quando há uma vergonha pública.

Esta conclusão nos leva a esclarecimentos que gostaríamos de fazer acerca do Dilema 1 e que, de certa forma, explicitam também considerações para o Dilema 2.

Talvez a perda material seja mais explícita e revele aos outros a condição do indivíduo, exposto além da intimidade de duas pessoas. Fica mais difícil o pedrão, pois publicamente pode surgir a vergonha e, “o sentimento de vergonha pode ser compreendido como um regulador moral, um elemento pertencente ao sistema afetivo do sujeito psicológico que exerce influência no julgamento e na ação moral desse sujeito, em sua interação com o mundo.” (Araújo, 2001/145).

Novamente não se encontram diferenças significativas nas respostas das crianças de diferentes faixas etárias e, mesmo entre as crianças da escola pública e da escola particular, exceto nas respostas das crianças de 12 anos da escola particular, mas que não diferem em conteúdo, apenas são mais elaboradas, o que é esperado pela evolução da faixa etária, da linguagem e da escolaridade.

Respostas para justificar que André deveria desculpar Julio	
Escola Pública	Escola Particular
06 ANOS	06 ANOS
1. Eles(a) são amigos(a)	1. Ele se arrependeu/ Ele pediu desculpas
2. Só se ele(a) pagasse a bola/ Só pagando a bola	2. Eles são amigos/ Amigos às vezes brigam/ Amigos brigam mas esquecem
3. Isto não tem importância	3. Ele estava nervoso/ Ele perdeu a calma
	4. Só se ele pagar outra bola
09 ANOS	09 ANOS
1. Eles(a) são amigos(a)	1. Eles eram amigos
2. Pagando a bola não tem problema/ só se pagar a bola	2. Ele fez uma coisa errada/ Ele estava pedindo desculpas
	3. De vez em quando a gente briga, mas depois passa
12 ANOS	12 ANOS
1. Eles(a) são amigos(a)	1. Se tornara generoso e continuaria tendo a amizade de Júlio/ Ele poderia perder seu amigo/ Perdoando se faz o bem
2. Para manter o(a) amigo(a)	2. Mas deveria cobrar uma bola nova, igual à que ele tinha
3. Se ele(a) se desculpou...	3. Se arrependeu da "besteira" que fez/ Estava arrependido do que havia feito
	4. Foi uma atitude de "cabeça quente", e depois Júlio reconheceu que tinha errado
	5. Era apenas uma bola

#### 4. Considerações Finais

Os sujeitos pesquisados demonstraram, em todas as faixas etárias, que têm consciência que o colega pediu desculpas porque estava arrependido do que fizera, mas o dano material parece ser o fato que mais incomoda, chegando ao ponto de condicionar o perdão à reposição do bem material: "só se ele desse uma bola nova" (9 anos).

A naturalidade com que abordam o problema, pelas justificativas, transparece uma visão de que é do cotidiano brigar e fazer as pazes, parece de certa forma natural que isto às vezes aconteça, "como se" a criança tivesse preparada para certos fatos do cotidiano.

“só foi uma brincadeira” (9 anos)

“amigos são assim” (6 anos)

“amigo não se importa com isto” (12 anos)

Não poderíamos deixar de destacar o dado que mais nos impressionou: a relação de amizade.

As amizades são muito valorizadas. As questões do ressentimento e/ou da perda material são relevadas em função de uma amizade; um único acontecimento – especialmente este, que na verdade era uma brincadeira - apesar de ser, na palavra das crianças “uma brincadeira de mal gosto”, não é suficiente para prejudicar uma amizade.

Os resultados aqui encontrados, mais uma vez, nos levam à conclusão do quanto os objetivos e metodologia da escola se colocam distante dos alunos.

O professor, pensando na sua ótica adulta das questões sentimentais e íntimas, não considera relevantes as perdas materiais das crianças, que são pequenas para o professor, mas grandes na ótica das crianças.

Da mesma forma no que se relaciona à amizade. Pouco se tem cultivado na relação professor aluno este sentimento que é capaz de tanta generosidade.

Sim! Perdão e Generosidade são duas virtudes que se cruzam. Perdoa-se abrindo mão de perdas sentimentais e materiais.

## 5. Bibliografia

ARAÚJO, Ulisses F. (1999) Conto de Escola. SP: Moderna.

ARISTÓTELES, Vida e Obra. (1996) Coleção “Os Pensadores”. SP: Círculo do Livro.

BENNETT, William J. (1995) O Livro das Virtudes. RJ: Nova Fronteira.

COMTE-SPONVILLE, André. (1998) Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. SP: Martins Fontes.

GILLIGAN, Carol.(1982) Uma Voz Diferente. RJ: Rosa dos Tempos.

KOHLBERG, Lawrence. (1992) Psicologia del Desarrollo Moral. Bilbao: De. Desclée.

MARQUES, Ramiro. (2001) O livro das virtudes de sempre: ética para professores. São Paulo: Landy.

PARO, Vitor Henrique.(2001) Reprovação Escolar. SP: Xamã.

PIAGET, Jean. (1932/1994) O Juízo Moral na Criança. SP: Summus.

PUIG, José Maria. (1998) A Construção da Personalidade Moral. SP: Ática.